



## CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA FLAUTA DOCE NO CONTEXTO ESCOLAR<sup>1</sup>

Clarissa de Godoy Menezes<sup>2</sup>

**Resumo:** Apresentam-se neste trabalho algumas considerações sobre o uso da flauta doce no contexto escolar, por intermédio de um relato de resgate histórico pessoal, embasado ora na literatura da flauta doce, ora na ausência dela para o contexto escolar. Constatada a ausência de material produzido para o ensino da flauta doce na educação básica, buscou-se compreender o ensino de música sob a perspectiva do desenvolvimento integral da criança e suas relações com o ensino de instrumentos musicais na escola regular. Como conclusão, propõe-se compreender o ensino de música em uma perspectiva da música contemporânea, apontando a necessidade de novas pesquisas que considerem como ponto de partida este estilo musical e suas implicações para o ensino da flauta doce em sala de aula da educação básica, no ensino regular.

**Palavras-chave:** flauta doce, contexto escolar, música contemporânea.

### Introdução - *Prelúdio*

O trabalho aqui apresentado se confunde com a minha própria história de vida, parte acadêmica, parte pessoal. É o resultado de uma longa caminhada que se iniciou como estudante do curso de graduação em música, seguiu durante meu percurso como professora de música e também como estudante do curso de especialização em artes e educação física na educação básica. E permanece em minhas inquietações como estudante de curso de Mestrado em Educação.

Meu primeiro contato com turmas de crianças se deu durante o primeiro semestre de 2001, atuando como aluna recitalista em um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Primeiros Encontros com a Música). Neste projeto, tive a oportunidade de me inteirar da realidade de algumas escolas da rede privada de ensino fundamental de Porto Alegre. Nesse breve contato, duas cenas me chamaram a atenção. Primeiro, me senti abismada com a impossibilidade

---

<sup>1</sup> Ao me referir ao contexto escolar, falo do ensino da flauta doce como componente curricular da educação básica.

<sup>2</sup> Estudante do curso Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria

manifestada pelas crianças em manter silêncio e “pararem quietas”. Segundo, pude perceber que algumas das escolas que participavam do projeto ofereciam aulas de música como componente curricular, e utilizavam-se da flauta doce nessas aulas.

Ao conversar informalmente com colegas e professores do curso de graduação em música, constatei que mais escolas também se utilizavam da flauta doce nas aulas de música. Desde então, venho me questionando se o instrumento escolhido para a aula de música na escola é adequado às características infantis, sobretudo no que se refere a necessidade de movimento<sup>3</sup>, que empiricamente venho observando ser próprio das crianças. Este trabalho é, portanto, o primeiro relato histórico de minha busca por uma resposta academicamente coerente.

A estrutura do trabalho aborda dois momentos marcantes de minha vida acadêmica: a graduação e a especialização. Enquanto na primeira, o assunto mais específico tratado é o do material didático para flauta doce, na segunda o assunto principal é justamente o oposto. Ou seja, apresenta um levantamento bibliográfico sobre uma proposta de ensino que usa a voz e o movimento como recursos musicopedagógicos.

## **1. Depois daquele dia - a graduação<sup>4</sup>**

Quando cursei a disciplina de Metodologia do Ensino da Flauta Doce (UFRGS), tive a oportunidade de realizar, juntamente com meus colegas, um levantamento e análise de livros e métodos para flauta doce. Durante o levantamento e a análise desse material, não encontramos nenhum livro ou método que se referisse ao uso do instrumento em aulas de música na escola. Sabendo que a prática do ensino da flauta doce na escola existe, comecei a me questionar se haveria material didático disponível que se propusesse a utilizar a flauta doce no ensino fundamental como parte do currículo de música.

Já no final do curso de Graduação em Música – Licenciatura, durante a prática de estágio, resolvi

---

<sup>3</sup> Ao falar de crianças, estou me referindo às que estão cursando as séries iniciais do ensino fundamental.

<sup>4</sup> Licenciatura em Educação Artística. Habilitação: Música. Instrumento Principal: Flauta Doce.

propor uma oficina de flauta doce para alunos que cursavam a 3ª e a 4ª série do ensino fundamental. No período de observação das turmas e elaboração do material didático a ser utilizado com os alunos, novamente me deparei com o desconforto que o uso do “meu” instrumento em sala de aula me causava. Concomitantemente à elaboração do material, também consultei vários livros de música e percebi que são escassos os materiais didáticos disponíveis para o ensino de flauta doce no contexto escolar.

Essa escassez também pode ser encontrada em Souza (1997), que fez um levantamento de livros didáticos dirigidos a alunos da pré-escola ao 2º grau (hoje ensino médio) com o objetivo de ensinar música. Nessa bibliografia comentada são listados somente três livros de flauta doce: o de Mário Mascarenhas, *Brincando com a flauta doce: melodias fáceis*; o de Nereide Schilaro Santa Rosa, *Flauta doce: Método de ensino para crianças*; e o de Helle Tirler, *Vamos tocar flauta doce*. O livro de Mascarenhas é definido como um “álbum de melodias nacionais e internacionais do folclore infantil arranjadas para flauta doce” (SOUZA, 1997, p. 67). O livro de Rosa seria um método onde “a criança vai adquirir as primeiras lições de teoria musical, através da prática instrumental” (*ibid.*, p. 67). Já o livro de Tirler é classificado como uma “coletânea de canções infantis brasileiras” (*ibid.*, p.68).

Ao fazer um levantamento de livros em português que se propõem a ensinar flauta doce (AKOSCHKY; VIDELA, 1965; MONKEMEYER, 1976; FRANK, 1976, 1980; TIRLER, 1986), é possível classificá-los em uma série de categorias, sendo que um mesmo livro pode ser categorizado de mais de uma forma. No entanto, esses livros não se direcionam para o ensino da flauta doce no contexto escolar.

Classificar e categorizar esses livros de forma completa e coerente não é tarefa fácil, e não caberia no âmbito deste trabalho. Dessa forma, opto por apontar alguns aspectos que me foram possíveis de averiguar em um primeiro contato com esse material. Pude perceber, por exemplo, que determinados livros se direcionam para o ensino individual, e outros para o ensino em grupos<sup>5</sup>. Há aqueles que privilegiam o desenvolvimento das habilidades técnicas necessárias para tocar o

---

<sup>5</sup> Ao falar em ensino em grupos estou me referindo a grupos de flautas doces, embora nos livros pesquisados alguns autores também indiquem a possibilidade de trabalhar com outros instrumentos durante as aulas de flauta.

instrumento, enquanto outros fazem coletâneas de músicas, e não mencionam qualquer habilidade técnica necessária para se tocar o instrumento.

Sobre o ensino em grupos, vários autores argumentam que este é mais vantajoso do que o ensino individual. Akoschky e Videla (1965), por exemplo, falam que o ensino da flauta doce “se adapta muito bem às necessidades de aulas coletivas de crianças, jovens e adultos, constituindo um valioso apoio à formação musical e à educação auditiva” (AKOSCHKY; VIDELA, 1965, p. 5).

Corroborando as afirmações de Akoschky e Videla (1965), Frank (1976) observa:

Para crianças, aulas em grupo são muito mais atraentes que as individuais. Sempre há a possibilidade de trabalhar mais descontraidamente com grupos de 5-10 crianças, variando a execução das partituras pelo uso da voz, da flauta, de outros instrumentos e de percussão (FRANK, 1976, p. 4-5).

Beineke (1997), ao falar sobre a educação musical e a aula de instrumento, faz uma análise desse material, no que se refere à abordagem técnica. A autora classifica-os em duas categorias:

[...] na primeira, o ensino é centrado na execução de uma coletânea de músicas organizadas sequencialmente de acordo com as dificuldades técnicas propostas, e na segunda, são mais enfatizados os exercícios técnicos isolados, sendo o domínio destes considerado um pré-requisito para a execução do repertório instrumental proposto (BEINEKE, 1997, p. 26).

Educadores musicais têm mostrado que o ensino de um instrumento na escola pode ser mais do que um treinamento de habilidades. Em pesquisa realizada por Souza, Hentschke e Beineke (1996/ 97), foi constatado que a flauta doce, no contexto em que foi realizada a pesquisa, pode ser utilizada “como um recurso para a ampliação das possibilidades de execução e composição musical” (SOUZA; HENTSCHE; BEINEKE, 1996/97, p. 73) além de contribuir para “o enriquecimento dos grupos instrumentais formados pelos alunos” (*ibid.*, p. 73) e ajudar na solidificação das noções de leitura e escrita musical (*ibid.*, p.73). Beineke (2003), no que se refere às particularidades do ensino instrumental no contexto escolar, afirma que este se caracteriza pelo trabalho com grupos numerosos e heterogêneos, e que “o estudo da flauta doce não é uma escolha dos alunos [...]” (BEINEKE, 2003, p.4). Beineke (2003) ressalta que nessas aulas “a flauta doce é um dos recursos a serem utilizados, não o único” (*ibid.*, p.4).

Reforçando a idéia de que é necessário oportunizar a todas as crianças a vivência musical na escola,

sem que para isso sejam excluídas aquelas que não demonstram uma habilidade ou um conhecimento técnico avançados, Nunes e Silva (2001), ao falar da Proposta Musicopedagógica Cante e Dance com a Gente (CDG), entendem que “a criança, em particular na escola, tem que ser ensinada a cantar, e não escolhida (leia-se, também, preterida!) por algum eventual talento particular ou, o que é mais comum, situações favoráveis de vivência anterior” (NUNES; SILVA, 2001, p. 7).

Portanto, aproveitar o mesmo material utilizado nas aulas de flauta doce individuais ou em pequenos grupos para o ensino na escola constitui-se em um problema, visto que estes livros foram elaborados para um outro contexto.

No entanto, além dos livros, o professor pode recorrer a outros recursos didáticos. Ao analisar a fala de professores, pude perceber que estes utilizam outros instrumentos didáticos, como: aparelho de CD, livros, CDs, fitas, partituras, folhas avulsas, entre outros. É o que mostra a fala de uma professora, em pesquisa realizada por Del Ben (2001), ao reclamar da falta de recursos na escola para a aula de música:

Eu digo que é limitado porque, para mim, tinha que ter um laboratório, uma sala, recursos, tinha que ter um monte de coisas. Ter um aparelho de CD adequado, ter livros ali dentro, CDs, fitas. Não tem nada de material didático. Nada, nada, nada (C2, ENT., p. 51, *apud* DEL BEN, 2001, p. 134).

Além desses materiais considerados didáticos pela professora, em pesquisa realizada por Beineke (2000), encontrei na fala de outra professora, o conceito de que os próprios instrumentos musicais podem ser usados e considerados material didático.

Com esses instrumentos que eu tenho, xilofone... quem não gosta? [...] Esse material é extremamente didático, acho que a criança que consegue ter um instrumento como o xilofone consegue ver as teclas, o nome das notinhas escrito... (C1, p. 45, *apud* BEINEKE, 2000, p. 74).

Através da fala das professoras, pude constatar que mais coisas, além do livro didático, podem ter função didática. Na literatura, uma série de autores utiliza termos diferentes para definir um conjunto semelhante de idéias, como material didático, material escolar, instrumentos didáticos. Por exemplo, Lajolo (1996) utiliza a expressão material escolar para definir “o conjunto de objetos

envolvidos nas atividades-fim da escola” (LAJOLO, 1996, p.3). Para a autora, material escolar é “tudo aquilo que ajuda a aprendizagem [...]” (*ibid.*, p. 3). Afirma ainda que, além desses objetos, podem-se “acrescentar tantos objetos quantos os sugeridos pelos recursos materiais, competência e imaginação de educadores [...]” (*ibid.*, p. 3).

Machado (1996), por sua vez, ao falar em livro didático, ressalta a importância da utilização de “outros instrumentos didáticos” (MACHADO, 1996, p. 31) na aulas, como o caderno, e “outros materiais, de um amplo espectro que inclui textos paradidáticos, não-didáticos, jornais, revistas, redes informacionais, etc” (*ibid.*, p.31).

Já em documento editado pelo Ministério da Educação (MEC), visando à capacitação de professores de Educação Básica de Jovens e Adultos, podemos encontrar a seguinte definição para material didático: “é um meio, um recurso, um instrumento de apoio com que podem contar professor e aluno no processo ensino-aprendizagem” (BRASIL, 1988, p. 7).

Por haver uma quantidade de termos com definições semelhantes, opto por utilizar a expressão material didático nesta pesquisa. A razão pela qual escolho essa expressão se deve ao fato de que esse termo é utilizado em material distribuído pelo Ministério da Educação (MEC), órgão oficial responsável por assuntos ligados à educação no Brasil (BRASIL, 1988; MEC, 2003).

Através da revisão bibliográfica, pude perceber que há material didático para o ensino da flauta doce. No entanto, a maior parte desse material não tem por objetivo o ensino do instrumento na escola. Partindo do resultado desse levantamento, resolvi conversar com uma flautista doce brasileira radicada na Suíça, com largo currículo musical além de ampla experiência no ensino do instrumento para crianças.

Durante o nosso diálogo, indaguei a ela sobre o ensino de música nas escolas suíças, sobre o ensino de flauta doce e também sobre a produção de material didático para o instrumento, no contexto escolar. Ela me contou que não tinha conhecimento de material para o uso da flauta doce em sala de aula, e manifestou estranheza com o que ocorre no Brasil. Conjecturas a parte, minhas e dela,

apresento minha primeira pergunta sem resposta: a inexistência de material didático para o uso de flauta doce na escola pode ser um indício de que os educadores musicais não identificam neste instrumento um recurso adequado para a sala de aula?

## 2. Do desconforto à especialização<sup>6</sup>

Foi no percurso de minha especialização que comecei a vislumbrar as razões acadêmicas porque me incomoda tanto pensar na flauta doce no contexto escolar. O que no princípio se deu por um razão “flautística” (não acreditava ser possível um trabalho honesto no que se refere à técnica do instrumento); mais adiante se revelou uma opção musicopedagógica ligada a questões que versam sobre o desenvolvimento da criança.

O Centro de Artes e Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAEF/UFRGS), no que se refere a música, tem por base a Proposta Musicopedagógica CDG – Cante e Dance com a Gente. Segundo as autoras, “este projeto enfatiza a importância do canto no desenvolvimento integral e na alegria das crianças” (NUNES e SILVA, 2003, p. 7).

No encarte (em forma de cancionário) do primeiro disco produzido com base na Proposta, Wöhl-Coelho (1991), ao narrar a experiência de gravar com crianças escolhidas exclusivamente pelo critério de interesse em participar da gravação, explicita seu posicionamento frente ao ensino de instrumentos na escola:

“A experiência narrada, aponta para nossa posição frente o ensino da música na escola comum. Entendemos que esta escola não deve preocupar-se em oferecer aulas de instrumentos, nem de teoria musical, nem de história da música, nem de bandinha rítmica.” (WÖHL-COELHO, 1991).

Para a autora, “o canto e a dança, na expressão infantil, são inseparáveis” e o gesto espontâneo da criança é “inerente à compreensão do próprio conteúdo do que está sendo cantado” (*ibid.*). Wöhl-Coelho (1991) aponta também a expressividade do movimento e da ação dramática como fundamentais para uma musicalização consistente:

---

<sup>6</sup> Curso de Especialização à distância em Artes e Educação Física na educação básica

“A expressividade veiculada pelo movimento desde o espontaneamente rítmico até o ritmicamente ordenado, é a força que propulsiona um início consistente para a aquisição do conhecimento musical. A musicalização parte da expressividade através da ação dramática, onde o gesto livre é um componente essencial.” (*ibid.*)

Também neste encarte/cancioneiro, ao relatar a insistência dos professores em pedir canções “que acalmem” as crianças, Silva (1991) afirma que “o som, o ruído e o movimento são vivências individuais experimentadas no grupo ou isoladamente e formam pré-requisitos necessários para o desenvolvimento sadio das crianças.” (SILVA, 1991)

Avançando um pouco mais na cronologia das publicações e, por consequência, nas pesquisas sobre a Proposta, Wöhl-Coelho e Silva (1999) a define da seguinte maneira:

“O Projeto Cante e Dance com a Gente – CDG – é uma proposta cultural surgida em 1991 e que visa promover a prática dramático-musical a partir da criança, na descoberta do mundo do qual faz parte, atuando e incorporando recursos músico-vocais e corporais no desenvolvimento da inteligência, equilíbrio emocional e senso estético.” (WÖHL-COELHO e SILVA, 1999, p. 29).

Cientes da contribuição para o desenvolvimento integral, as autoras afirmam que “ao cantar a criança elabora elementos de domínios mental, social, moral, ético, emocional e físico.” Esta preocupação com o desenvolvimento infantil também é percebida quando analisamos o material referente a Teoria Pedagógica do CAEF da UFRGS. Rangel (2005), ao apontar os pressupostos básicos da citada Teoria Pedagógica, defende que “cabe à escola instruir e educar; nessa ótica, é preciso levar em conta as dimensões afetivas, cognitivas, sociais e éticas do indivíduo (...)” (RANGEL, 2005, p. 87).

O material citado neste capítulo é composto por cancionários, CDs, fitas cassete, LPs, libretos... que possibilitam ao professor de séries iniciais utilizar a música, através do canto, do movimento, da ação cênica, da dança, no contexto escolar. Também demonstrou a importância das práticas anteriormente citadas no desenvolvimento da criança. Encerro este capítulo com mais um questionamento: seria possível proporcionar à criança o desenvolvimento integral se utilizássemos a

flauta doce, um instrumento que com raríssimas exceções tapa a boca e impede o movimento?

### **Conclusão – Coda**

Este trabalho buscou apresentar algumas considerações sobre um questionamento pessoal antigo, qual seja, se o instrumento escolhido (flauta doce) para a aula de música na escola é adequado às características infantis. O formato escolhido para isso foi o de um relato histórico de minha própria busca por uma resposta academicamente coerente. A coda é, pois, um sinal que indica um pulo para a frente na música até a passagem final... ou... um “rabinho” que o compositor deixou depois do fim. É o derradeiro fim. É o derradeiro fim?

Segundo o levantamento feito neste trabalho, e partindo do pressuposto teórico aqui apresentado, que considera o movimento parte do desenvolvimento integral da criança, além de condição necessária para o desenvolvimento musical, poder-se-ia concluir que a flauta doce não seria um instrumento musical adequado ao contexto escolar. Contudo, o levantamento realizado sobre os métodos de flauta doce apontam para a possibilidade de uso deste instrumento como suporte para as aulas de música na escola.

Esta pesquisa aponta, portanto, para a necessidade de produção de materiais didáticos que contemplem a realidade da criança (movimento), assim como as características técnicas do instrumento. Para isso, propõe-se compreender o ensino de música em uma perspectiva da música contemporânea, apontando a necessidade de novas pesquisas que considerem como ponto de partida este estilo musical e suas implicações para o ensino da flauta doce em sala de aula da educação básica, no ensino regular. Visto que a música contemporânea explora técnicas expandidas (muitos modos de tocar flauta doce que não o convencional), não restringindo o professor (e os alunos) à vivência puramente técnica da flauta doce; ampliando as possibilidades de uso como, por exemplo, para a exploração e criação de paisagens sonoras e sonoplastia de histórias cantadas.

## Referências Bibliográficas

AKOSCHKY, J. ; VIDELA, M. **Iniciación a la Flauta Dulce: tomo I.** Buenos Aires: Ricordi, 1965.

BEINEKE, V. *A Educação Musical e a Aula de Instrumento: uma Visão Crítica sobre o Ensino da Flauta Doce.* **Revista do Centro de Artes e Letras.** Santa Maria: UFSM, 1 (1-2) jan./ dez. 1997, p. 25-32.

BEINEKE, V. **O conhecimento prático do professor de música: três estudos de caso.** Dissertação (mestrado)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Música. Porto Alegre, 2000.

BEINEKE, V. *Music Education Around the World – 3: Brazil.* **International Society for Music Education Newsletter: ISME,** maio/ junho 2003, p. 4-5.

BRASIL, **Material didático em programa de educação básica de jovens e adultos.** 2ªed. MEC, Fundação EDUCAR: Brasília, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Material didático.** Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sef/fundamental/avaliv.shtm> acessado em maio de 2003.

DEL BEN, L. M. **Concepções e ações de educação musical escolar: três estudos de caso.** Tese (doutorado)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Música. Porto Alegre, 2001.

FRANK, I. M. **Pedrinho Toca Flauta: volume I.** São Leopoldo: Editora Sinodal, 1989. 4ª Edição.

LAJOLO, M. *Livro Didático: um (quase) manual de usuário.* **Em aberto.** Brasília, DF Vol. 10, n. 69 (jan./ mar. 1996), p. 3-9.

MACHADO, N. *Sobre livros didáticos: quatro pontos.* **Em aberto.** Brasília, DF Vol. 10, n. 69 (jan./ mar. 1996), p. 30-38.

MÖNKEMEYER, H. **Método para flauta doce soprano.** São Paulo: Ricordi Brasileira, 1976.

NUNES, H. de S. ; SILVA, L. S. **Um doce de canção. Repertório CDG para a escola, volume 4.** São Leopoldo: R. Schramm, 2001.

NUNES, H. de S. ; SILVA, L. S. **Natal dos Anjos. Repertório CDG para a escola, volume 5.** São Leopoldo: R. Schramm, 2003.

RANGEL, A. (*et al.*) **Teoria Pedagógica do Centro de Artes e Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: fundamentos do método empregado para a rede de formação**

**continuada de professores.** Porto Alegre: CAEF da UFRGS, 2005.

SILVA, L. F. S. Em 1983 In: ACDG. **Cante e Dance com a Gente.** Direção Artística: Helena de Souza Nunes Wöhl Coelho e Laura Franch Schmidt Silva. Porto Alegre: ISAEC, 1991. 1 encarte/cancioneiro do disco homônimo.

SOUSA, J. *Livros de Música para a Escola: uma bibliografia comentada. Série Estudos,* Porto Alegre: Curso de Pós-Graduação em Música Mestrado e Doutorado/ UFRGS, v.3, 1997.

SOUSA, J. ; HENTSCHKE, L. ; BEINEKE, V. **A flauta doce no Ensino de Música nas Escolas: Análise e Reflexões sobre uma Experiência em Construção.** Em Pauta, Revista do curso de Pós-Graduação em Música Mestrado e Doutorado, UFRGS, n. 12/13, 1996/ 1997, p. 63-78.

TIRLER, H. **Vamos tocar flauta doce: volume 1.** São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002. 26ª Edição.

WÖHL-COELHO, H. M. de S. N. *E Acontece Que a Música na Escola...* In: ACDG. **Cante e Dance com a Gente.** Direção Artística: Helena de Souza Nunes Wöhl Coelho e Laura Franch Schmidt Silva. Porto Alegre: ISAEC, 1991. 1 encarte/cancioneiro do disco homônimo.

WÖHL-COELHO, H. M. de S. N. ; SILVA, L. F. S. *Proposta Músico-Pedagógica Cante e Dance com a Gente* In: **I Encontro de professores de música nas escolas evangélicas.** Helena Wöhl Coelho (org.) São Leopoldo: Sinodal, 1999. p.29-31